

PEDRO LEAL FONSECA

NARCISISMO E CASTRAÇÃO: INTERSEÇÕES

Monografia de conclusão do Curso de Especialização em Psicologia Clínica:
Teoria Psicanalítica

Orientadora: Profa. Dra. Julieta Jerusalinsky

COGEAE – PUC/SP

2019

NARCISISMO E CASTRAÇÃO: INTERSEÇÕES

RESUMO:

Este trabalho busca, a partir de uma questão lançada por Freud em Introdução a Narcisismo (1914), identificar em sua obra pontos em que os conceitos de Narcisismo e Castração se cruzam, particularmente no que diz respeito à formação do Ideal. Recorre-se, para tanto, à noção lacaniana de falta-a-ser e à distinção entre Eu Ideal e Ideal do Eu.

PALAVRAS-CHAVE: Narcisismo, Castração, Ideal do Eu, Eu Ideal, Super-eu, Falta-a-ser, Complexo de Édipo.

SUMÁRIO

1 Introdução.....	4
2 Narcisismo na obra freudiana: um percurso.....	6
2.1 Origens: escolha de objeto homossexual.....	6
2.2 O caso Schreber: narcisismo como estágio do desenvolvimento e paranoia.....	7
2.3 Totem e Tabu: as pulsões e o narcisismo enquanto estágio do desenvolvimento.....	8
2.4 Introdução ao Narcisismo.....	9
2.4.1 Rompimento com Jung e a teoria da libido.....	9
2.4.2 Escolha de objeto do tipo narcísico.....	11
2.4.3 Narcisismo e castração em 1914.....	12
2.4.4 Narcisismo e a formação de um Ideal.....	13
2.5 Narcisismo e a teoria das pulsões, pulsão escópica e Estádio do Espelho	15
2.6 Eu Ideal, Ideal do Eu e Super-eu.....	17
3 Castração.....	20
3.1 A falta-a-ser.....	20
3.2 As origens do complexo de castração em Freud: a análise do Pequeno Hans.....	22
3.2.1 Lacan e o Pequeno Hans.....	24
3.3 O Homem dos Lobos.....	25
3.4 O complexo de castração nos estudos de 1923-1925.....	28
3.5 O Eu e o Super-eu (Ideal do Eu).....	31
4 Conclusão.....	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	35

1 Introdução

Em *Introdução ao Narcisismo*, texto fundamental de 1914, Freud estabelece uma relação entre narcisismo e o complexo de castração (que ele havia descrito seis anos antes, em 1908, na análise do Pequeno Hans).

A referência ao complexo de castração só aparece no terceiro e último capítulo deste estudo sobre o narcisismo, e no seguinte contexto: Freud abre o capítulo afirmando que a castração é a parte mais significativa das perturbações a que o narcisismo original da criança está exposto e das reações com que a criança se defende dessas perturbações.

“Isso eu gostaria de deixar em suspenso, como um importante material de trabalho que ainda aguarda exploração”, dirá ele, porém (1914/2010, p. 37).

Neste mesmo parágrafo, afirma que, em determinada época do desenvolvimento psíquico, as pulsões sexuais e as pulsões do Eu se encontram unidas, *operando em concerto*, como interesse narcísico. Refuta, em seguida, a tese de Alfred Adler – talvez o primeiro dos estudiosos próximos de Freud a abandonar o barco da psicanálise –, segundo a qual um certo protesto masculino emergiria dessa fase e constituiria o núcleo genético da neurose.

Apesar da referência ao complexo de castração logo no início do capítulo, e mesmo atribuindo a ele papel importante no estudo do narcisismo, Freud não voltará a falar diretamente da castração neste ensaio.

Do longo e truncado parágrafo em que a castração é mencionada, consigo extrair, com alguma certeza: (i) a ideia de Freud segundo a qual a castração perturba o narcisismo original da criança, exigindo-lhe, a título de defesa, uma reação; (ii) a castração está fundada em uma “tendência narcísica”, libidinal, e não em uma valoração social, como propunha Adler; (iii) a castração contribui para a formação do caráter, mas não é o núcleo genético da neurose.

Como mencionei acima, as menções à castração em *Introdução ao Narcisismo* começam e terminam nesse parágrafo. Freud não volta a estabelecer relações diretas entre esses dois conceitos nesse texto. Conforme seu alerta, o tema seria explorado posteriormente.

Defronto-me, então, com a seguinte questão: o narcisismo original da criança é perturbado pela castração, mas, em que termos? De que maneira isso ocorre? Que efeitos se pode extrair dessa afirmação freudiana? Para onde a teoria caminhará no que diz respeito a essa relação?

Eis a questão que norteia este trabalho.

2 Narcisismo na obra freudiana: um percurso

A minha investigação começa no conceito de Narcisismo em Freud. Para tanto, busco traçar um panorama a partir da primeira vez em que o termo aparece, quatro anos antes de Introdução ao Narcisismo. A propósito, segundo Roudinesco e Plon (1998), desde Além do Princípio do Prazer, texto de 1920 em que introduz a sua segunda teoria pulsional, Freud abandona progressivamente o conceito de narcisismo, que já não aparece no Compêndio de Psicanálise (redigido em 1938 e publicamente postumamente em 1940).

Neste sobrevoo por vários textos da obra Freudiana, detenho-me um pouco mais longamente sobre Introdução ao Narcisismo, uma vez que é dele que extraio a questão central desse trabalho.

2.1 Origens: escolha de objeto homossexual

Em 1910, cinco anos depois de publicar os Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade – em que lança as bases de sua teoria da libido –, Freud volta ao segundo ensaio para acrescentar uma nota de rodapé. É nesta nota que aparece pela primeira vez, na obra freudiana, menção ao narcisismo.

A nota é incluída na seção intitulada *Objeto Sexual dos Invertidos*. Nela, Freud estabelece uma relação entre o narcisismo e a escolha de objeto pelos homossexuais: os invertidos (homens), após uma fase de fixação na mulher, identificam-se com ela, tomando a si próprios como objeto sexual. “Partindo do narcisismo”, diz Freud (1905), os homossexuais buscam homens jovens e semelhantes a eles, “que querem amar assim como a mãe os amou”.

Em outros dois textos publicados entre 1910 e 1911, o termo torna a aparecer. No primeiro deles – dedicado à infância de Leonardo da Vinci –, Freud recorre novamente ao narcisismo para tratar da gênese psíquica do homossexualismo. A fórmula é a mesma: o amor à mãe, reprimido, faz surgir uma forte identificação do garoto com ela. Assim, o garoto toma a si próprio como modelo e passa a escolher novos objetos amorosos à sua própria semelhança:

Dizemos que ele [o garoto] encontra seu objeto amoroso pela via do narcisismo, pois o mito grego chama de Narciso um jovem que amava acima de tudo sua própria imagem refletida, e que foi transformado na bela flor que tem esse nome. (1910/2013, p. 167).

2.2 O caso Schreber: narcisismo como estágio do desenvolvimento e paranoia

Em 1911, no ensaio sobre o presidente Schreber, Freud trata o narcisismo, pela primeira vez, como um estágio no desenvolvimento da libido, “pelo qual se passa no caminho do autoerotismo ao amor objetal” (1911/2010, p. 80).

Nesta fase intermediária, o indivíduo, afirma Freud, “toma a si mesmo, a seu próprio corpo, como objeto de amor”. Aqui, ele parece intuir o que, posteriormente, viria a chamar de narcisismo secundário: “parece que muitas pessoas ficam nela retidas por um tempo insolitamente longo, e que muita coisa desse estado persiste em estágios posteriores do desenvolvimento”, diz (p. 81).

Assim como nas duas menções anteriores, trata-se também aqui de explorar o mecanismo psíquico que deságua na escolha de objeto homossexual. Os *homossexuais manifestos* não se “libertaram da exigência de o objeto ter genitais como os seus” (p. 81).

O recurso de Freud ao narcisismo, neste ensaio sobre o presidente Schreber, busca compreender o papel do desejo homossexual na formação da paranoia (trata-se, afinal, de um estudo psicanalítico sobre um caso de paranoia). Neste sentido, dirá Freud, a predisposição à doença viria de um “ponto fraco” do desenvolvimento infantil, num “trecho entre autoerotismo, narcisismo e homossexualidade” (p. 83).

Os indivíduos que não se desprenderam inteiramente do estágio do narcisismo, diz ele, estão expostos ao *perigo* de um grande fluxo de libido, que “submete os seus instintos sociais à sexualização, fazendo recuar as sublimações conquistadas no curso do desenvolvimento” (p. 82). A paranoia seria, assim, uma tentativa de defesa contra esta sexualização. O cerne do conflito da paranoia é, pois, o “desejo-fantasia de amar um homem” (ao seu modelo) (p. 83).

Para Freud, é como resultado deste conflito que surge o delírio de grandeza que, na paranoia, corresponde à “superestimação sexual do próprio Eu” (p. 86). A hipótese freudiana é que o paranoico ficou fixado do narcisismo, estágio em que o próprio Eu era o único objeto sexual. A paranoia caracteriza-se, portanto, por uma regressão, ao narcisismo, da homossexualidade sublimada.

2.3 Totem e Tabu: as pulsões e o narcisismo enquanto estágio do desenvolvimento

Dois anos depois, em Totem e Tabu, Freud tratará do narcisismo como um terceiro estágio na evolução libidinal do indivíduo, entre o autoerotismo e a escolha do objeto. Nesse estágio intermediário denominado narcisismo, as pulsões sexuais até então separadas “se juntam numa unidade e encontram um objeto; mas esse objeto não é exterior, alheio ao indivíduo, e sim o próprio Eu, já constituído por esse tempo” (1912/2012, p. 140).

Aqui, portanto, aparece com maior clareza a diferença entre o autoerotismo – caracterizado pela parcialidade das zonas pulsionais – e o narcisismo, em que uma totalidade imaginária do corpo já se encontra constituída (a esse respeito, trataremos, mais adiante, do belo estudo de Jacques Lacan sobre o estágio do espelho).

Se, no caso Schreber, Freud trata da *fixação* no estágio narcísico como característico da paranoia, em Totem e Tabu, ele afirma, de maneira mais genérica, que “a organização narcísica jamais será abandonada inteiramente”. O ser humano permanece “narcísico em certa medida, mesmo depois de encontrar objetos externos para sua libido”. Os investimentos libidinais nos objetos externos seriam, assim, como “emanações da libido que permanece no Eu” (p. 141).

Neste estudo sobre o totemismo, Freud liga o narcisismo à superestimação que os povos primitivos e os neuróticos atribuem aos atos psíquicos. Ele parte da ideia de uma “sexualização dos processos de pensamento” para falar de um *narcisismo intelectual* que se caracterizaria, nos povos estudados neste ensaio (e também nos neuróticos), pela onipotência dos pensamentos (p. 141-142).

Ele afirmará, ainda, que narcisismo original da criança exclui um sentimento de inferioridade primitivo, sendo, pois, decisivo para o desenvolvimento do seu caráter.

Outra passagem interessante de Totem e Tabu, e que diz respeito ao tema deste trabalho, é aquela em que Freud fala da criação dos espíritos como primeira realização teórica do ser humano: a morte de um membro do clã totêmico faz

com que os sobreviventes sejam obrigados a ceder parte de sua onipotência aos espíritos, constituindo, assim, um primeiro reconhecimento da necessidade que se opõe ao narcisismo humano. O primitivo, diz Freud, “se inclina ante a supremacia da morte com o mesmo gesto com que parece negá-la” (p. 146-7).

É ainda em Totem e Tabu que os termos narcisismo e castração aparecem juntos pela primeira vez na pena de Freud. Em uma menção ao caso Arpad de Sandor Ferenczi, Freud afirma que o complexo de Édipo é o pressuposto narcísico do medo da castração:

No complexo de Édipo e no complexo de castração, o pai desempenha o mesmo papel, o de temido adversário dos interesses sexuais infantis. A castração ou o seu substituto, o enceguecimento, é o castigo com que ele ameaça (p. 200).

2.4 Introdução ao Narcisismo

2.4.1 Rompimento com Jung e a teoria da libido

Introdução ao Narcisismo¹ aparece em 1914, pouco antes dos ensaios de metapsicologia que Freud viria a publicar no ano seguinte.

É nele, conforme indicam Roudinesco e Plon, que o narcisismo adquire o status de conceito, passando a ocupar “lugar essencial na teoria do desenvolvimento sexual do ser humano” (1998, p. 531).

Ao introduzir o conceito, Freud atribui a Otto Rank a hipótese de que o narcisismo, enquanto modo de alocação da libido, tem lugar no desenvolvimento sexual regular do ser humano.

Assim, o narcisismo passaria de uma perversão - acepção do termo que Freud atribui ao psiquiatra alemão Paul Näcke, em texto de 1899 – para uma modo de alocação da libido, presente no desenvolvimento regular do ser humano, assumindo o lugar de “complemento libidinal do egoísmo da pulsão de autoconservação” (1914/2010, p. 15).

¹ Também conhecido no Brasil como “Sobre o Narcisismo: Uma Introdução”, título que lhe foi dado nas obras completas publicadas pela Imago. Neste trabalho, as referências e citações às obras de Freud baseiam-se na coleção da editora Companhia das Letras, exceto no que diz respeito a “As Pulsões e seus Destinos”, cuja versão consultada foi aquela publicada pela Editora Autêntica sob a coleção “Obras Incompletas de Sigmund Freud”.

A ideia de um narcisismo primário e normal que o texto introduz relaciona-se à tentativa de Freud de compreender a esquizofrenia sob a ótica da sua teoria da libido, marcada pela dualidade pulsional, àquela altura formada pelas pulsões sexuais e pulsões de autoconservação ou pulsões do Eu.

Na esquizofrenia, o indivíduo retiraria a libido das pessoas e coisas do mundo externo, sem substituí-las por outras na sua fantasia, como ocorre ao neurótico. A libido retirada do mundo externo volta-se, nos *parafrênicos*, ao Eu, originando o estado de megalomania característico desses indivíduos.

Essa retração dos investimentos objetais nas psicoses teria um caráter secundário, “edificando-se sobre um narcisismo primário, que foi obscurecido por influências várias” (p. 16), mas que se faz presente no desenvolvimento regular do ser humano. A superestimação do poder dos desejos, a onipotência dos pensamentos e uma crença na forma mágica das palavras – objeto de estudo de Totem e Tabu – seriam traços de megalomania vistos nas crianças e nos “povos primitivos”, e que dão suporte à hipótese Freudiana do narcisismo primário.

Freud propõe, assim, a ideia de um investimento libidinal do Eu, originário, que é parcialmente cedido aos objetos, mas que persiste e que se relaciona aos investimentos objetais “como o corpo de uma ameba aos pseudópodes que dele avançam” (p. 17).

Se, até então, o termo libido, manifestação das pulsões sexuais, era reservado às relações objetais, agora Freud lhe atribui – nas palavras de Elisabeth Roudinesco e Michel Plon (1998, p. 472 e 630) – uma “identidade narcísica”. A partir desta “redistribuição das pulsões sexuais”, passa-se a descrever uma libido do eu (ou libido narcísica), de um lado, e de uma libido de objeto, do outro.

Embora fale em “oposição entre libido do Eu e libido de objeto” (Freud, 1914/2010, p. 17), trata-se de uma mesma energia, que pode ser dirigida aos objetos (sendo o enamoramento o estágio mais avançado deste tipo de investimento) ou ao Eu (cujo exemplo extremo é o sentimento de fim de mundo nos paranoicos).

Neste ponto de Introdução ao Narcisismo, em que retoma desenvolvimentos anteriores e começa a organizar uma teoria da libido, Freud também terá que se haver com a energia psíquica que não se relaciona às pulsões sexuais, mas sim às pulsões de autoconservação, ou pulsões do eu.

Juntas no estágio do narcisismo, é a partir do investimento objetal que se torna possível distinguir a libido (energia sexual) da energia correspondente às pulsões² do Eu.

É importante lembrar que, em 1913, ano anterior à publicação deste ensaio sobre o narcisismo, Freud rompe com um de seus discípulos mais próximos, aquele que ele havia escolhido como primeiro presidente da International Psychoanalytic Association (IPA): o médico suíço Carl Gustav Jung.

É instigado pelas divergências teóricas com Jung que Freud irá se debruçar sobre o problema do narcisismo, alçando-o a conceito. Todo o primeiro capítulo deste ensaio de 1914 dedica-se a reestabelecer as bases da teoria da libido, fundada na diferenciação entre pulsões sexuais e pulsões do Eu³.

“De onde vem mesmo a necessidade que tem a psique de ultrapassar as fronteiras do narcisismo e pôr a libido em objetos?”, pergunta Freud. “Um forte egoísmo protege contra o adoecimento, mas afinal é preciso começar a amar, para não adoecer, e é inevitável adoecer, quando, devido à frustração, não se pode amar” (Freud, 1914/2010, p. 29).

2.4.2 Escolha de objeto do tipo narcísico

No que diz respeito ao modo de escolha de objeto pelo indivíduo, Freud proporá, nesta Introdução ao Narcisismo, dois tipos: o de apoio (ou anaclítico) e o narcísico.

Em relação ao primeiro tipo (*de apoio*), Freud diz que as crianças tomam seus primeiros objetos sexuais das suas vivências de satisfação autoeróticas,

² Tomo a liberdade de substituir, mesmo nas citações literais do texto de Freud traduzido para o português, a palavra “instinto” por “pulsão”, ainda que as coleções da Companhia das Letras e da Imago tenham optado pela palavra “instinto” para verter “*trieb*”. Ver, a esse respeito, o ensaio *Sobre a Tradução do Vocábulo Trieb*, de Pedro Heliodoro Tavares, em “As Pulsões e seus Destinos” (ed. Autêntica, 2017).

³ Freud chega a nomear a hipótese de pulsões sexuais e do Eu separadas como a própria teoria da libido (1914/2010, p. 21).

experimentadas junto com funções vitais de autoconservação. As pulsões sexuais, assim, apoiam-se na satisfação das pulsões do Eu, para só depois se distinguirem delas. A mãe (ou quem lhe substitua) será, assim, o primeiro objeto sexual.

O segundo tipo (narcísico) retoma a ideia que ele havia acrescentado aos Três Ensaio em 1910. Neste modo de escolha objetal, o indivíduo busca a si mesmo como objeto amoroso, toma a sua própria pessoa – e não a mãe – como modelo. O Eu passa a ser, assim, o objeto da libido narcísica.

Em todas as pessoas, diz Freud, estes dois modos de escolha de objeto estão presentes, sendo que um deles poderá prevalecer: “dizemos que o ser humano tem originalmente dois objetos sexuais: ele próprio e a mulher que o cria, e nisso pressupomos o narcisismo primário de todo indivíduo” (p. 33).

De acordo com o sumário proposto por Freud no fim da segunda parte de Introdução ao Narcisismo, uma pessoa ama, conforme o tipo narcísico, (i) o que ela mesma é, (ii) o que ela mesma foi, (iii) o que ela mesma gostaria de ser e (iv) a pessoa que foi parte dela mesma.

Já no fim do ensaio, Freud retomará essa ideia e afirmará: na escolha narcísica de objeto, a pessoa ama aquilo que já foi e que perdeu, ou “o que possui os méritos que jamais teve” (p. 49). Em outras palavras, ama o objeto que possui aquilo que falta ao Eu para torná-lo ideal. Esse ponto será retomado mais adiante.

2.4.3 Narcisismo e castração em 1914

Conforme brevemente exposto no início deste trabalho, é na terceira e última parte de Introdução ao Narcisismo que aparece uma referência explícita ao complexo de castração (que Freud havia descrito seis anos antes, em 1908, na análise do Pequeno Hans). Segundo Freud, a castração é a parte mais significativa das perturbações a que o narcisismo original da criança está exposto e das reações com que a criança se defende dessas perturbações.

Conforme nota do tradutor brasileiro, a palavra “complexo” (*komplex*) deve ser entendida, neste contexto, como um conjunto de ideias e sentimentos ligados a um evento ou processo. No caso do *Kastrationskomplex*, conforme elaboração

de Freud em 1914, o evento em questão é a angústia relativa ao pênis no menino, e a inveja do pênis (a polêmica noção de *penisneid*, que Freud desenvolve em seus estudos da década de 20), na menina.

O pênis, aliás, já havia sido referido neste ensaio sobre o narcisismo, quando Freud tratou da hipocondria como situação em que o indivíduo retira interesse e libido dos objetos do mundo externo e concentra-os em um órgão do corpo. O órgão genital em estado de excitação é, para Freud, o modelo de órgão dolorosamente sensível, alterado, embora não doente no sentido habitual.

Apesar da referência, logo no início do capítulo, ao complexo de castração, e mesmo atribuindo a ele papel crucial dentre as perturbações a que o narcisismo está sujeito, Freud não voltará a falar diretamente da castração neste ensaio. Deixa o tema em suspenso (ao menos aparentemente), e passa a tratar de uma outra questão: a da formação de um “Ideal”, que é condição do recalque.

2.4.4 Narcisismo e a formação de um Ideal

Se a onipotência infantil e a megalomania característicos do narcisismo infantil desaparecem no adulto, o que aconteceria, então, com libido do Eu? É com uma tentativa de responder essa pergunta que prosseguirá o terceiro capítulo de Introdução ao Narcisismo.

Freud introduzirá neste ponto do texto a noção de um *ideal* pelo qual o Eu se mede, e que constituirá, conforme assinalam Roudinesco e Plon (1998), um marco essencial na evolução do seu pensamento. Nas palavras de Freud, o indivíduo “erige um ideal dentre de si, pelo qual mede o seu Eu atual” (1914/2010, p.40).

Esta formação surge a partir de um conflito entre os *impulsos pulsionais libidinosos* e as ideias morais e culturais do indivíduo. A formação do ideal seria, portanto, condição para o recalque.

Surge, assim, na obra de Freud, a noção de “Eu ideal” ou “Ideal do Eu”, que ele continuará a explorar nas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise (1917) e

em *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1921), até *O Eu e o Isso* (1923), quando essa dimensão ou instância parece se confundir com o Super-eu⁴.

É ao Eu ideal que se volta o amor a si mesmo, numa espécie de deslocamento do narcisismo. Para não renunciar à “perfeição narcísica da infância”, mas não podendo mantê-la diante de “admoestações durante o seu desenvolvimento”, o Eu projeta dentro de si um substituto para o narcisismo perdido da infância, quando ele era o próprio ideal (Freud, 1914/2010, p. 40).

Conforme apontei acima, Freud não voltará a falar do complexo de castração nesse ensaio. Porém, quando se refere às *admoestações* que forçam o indivíduo a abandonar o seu narcisismo infantil e erigir – numa espécie de solução de compromisso – um “ideal” dentro de si, é da castração que ele parece tratar.

Em outras palavras, a manutenção do narcisismo original é inviabilizada pela castração e a saída que se apresenta é projetar um ideal (não castrado), dentro do Eu, e pelo qual ele se mede. Esse ideal é condição para o recalque.

Embora ainda não tenha apresentado a sua segunda tópica (que só viria a surgir na década de 1920), Freud já conjectura sobre a existência de uma instância psíquica especial cuja tarefa seria assegurar a satisfação narcísica a partir do ideal do Eu, observando-o continuamente, medindo-o pelo ideal.

Essa instância teria características próximas àquilo que Freud chama então de *consciência moral*. Forma-se o ideal a partir da crítica dos pais e da sociedade, por intermédio da voz. Segundo Freud, “grandes quantidades de libido essencialmente homossexual” são direcionadas para a formação do ideal narcísico do Eu, e sua satisfação está em conservá-lo (p. 42).

Em *Introdução ao Narcisismo*, pois, Freud introduz a ideia de uma instância psíquica, que ora chama de “Eu ideal”, ora de “Ideal do eu”, e que estaria sob tutela da consciência moral. Ele seria constituída inicialmente de uma proibição

⁴ Conforme Roudinesco e Plon (1998, p. 362-363) e Laplanche e Pontalis (1990, p. 184-5). Em 1913, ano em que *Introdução ao Narcisismo* é escrito, ainda estamos sob a égide da primeira tópica (Inconsciente, Consciente, Pré-Consciente), que só viria a ser totalmente reformulada por Freud em 1920. Ele se debruça, neste momento, sobre a teoria da libido, dando-lhe novas feições.

ou obstáculo externos (a censura dos pais e da sociedade). Conforme Roudinesco e Plon (1998), trata-se, simultaneamente, de um substituto do narcisismo perdido da infância e de um produto da identificação com os pais e seus substitutos sociais.

O desenvolvimento do Eu, diz Freud, consiste num distanciamento do narcisismo primário e num esforço para reconquistá-lo. “Tal distanciamento ocorre através do deslocamento da libido para um ideal do Eu imposto de fora, e a satisfação, através do cumprimento desse ideal” (Freud, 1914/2010, p. 48).

Retomarei a questão do ideal – especialmente no que diz respeito à distinção entre Ideal do Eu e Eu Ideal – um pouco mais à frente.

2.5 Narcisismo e a teoria das pulsões, pulsão escópica e Estádio do Espelho

Introdução ao Narcisismo, conforme apontam Roudinesco e Plon (1998), implicou uma reformulação do dualismo pulsional que Freud adotara até então. A partir de 1914, com base na observação de pacientes psicóticos e da reversão da libido para o Eu característica desses estados patológicos, Freud desenvolve o conceito de narcisismo e redistribui as pulsões sexuais, cuja libido poderia se direcionar tanto aos objetos, quanto ao Eu.

Em 1915, Freud publica uma série de artigos para apresentar a sua “metapsicologia”. O primeiro deles, que viria a tornar-se um clássico, é dedicado aos possíveis destinos das pulsões sexuais.

A pulsão, reafirma, é um conceito fundamental em sua metapsicologia. Trata-se de uma necessidade, força constante, em busca de uma satisfação (a meta). “Conceito fronteiro entre o anímico e o psíquico” (1915/2017, p. 25), as pulsões vêm das zonas erógenas (a sua fonte) e põem o aparelho psíquico para trabalhar (exigindo-lhe atividade, impelindo-o, pressionando-lhe).

Para alcançar sua meta (a satisfação), a pulsão se dirige a um objeto variável, externo à pulsão, a ela atribuído contingencialmente. O objeto, prossegue Freud, não é “necessariamente um objeto material externo ao sujeito, podendo ser até mesmo uma parte do próprio corpo” (p. 27).

Neste texto de 1915, Freud antecipa e anuncia uma revisão da teoria no que diz respeito à dicotomia pulsional vigente (pulsões do Eu ou de autopreservação *versus* pulsões sexuais). O entendimento de que o cerne da neurose é um conflito entre as exigências da sexualidade e as do Eu já não satisfaz Freud diante do estudo das esquizofrenias ou “psiconeuroses narcísicas”.

Esta revisão só virá a ser feita em *Além do Princípio do Prazer*, de 1920, quando se introduz uma nova dicotomia pulsional, agora entre as pulsões de vida e de morte. Essa relação entre o narcisismo e a pulsão de morte – que Lacan descreve como “evidente relação da libido narcísica com a função alienante do Eu, com a agressividade que dela se destaca em qualquer relação com o outro” (1949/1998, p. 102) – será longamente explorada por André Green, em *Narcisismo de Vida, Narcisismo de Morte* (1988).

Aqui, em *As Pulsões e seus Destinos*, Freud retomará a ideia de apoio das pulsões sexuais sobre as pulsões do Eu, que ele já havia desenvolvido ao tratar das escolhas objetais anaclítica ou narcísica, em *Introdução ao Narcisismo*.

As pulsões sexuais, no início, apoiam-se sobre as pulsões de conservação, desligando-se delas apenas depois. Porém, dirá Freud, há uma parte das pulsões sexuais que segue associada às pulsões do Eu por toda a vida, ainda que isto só se torne evidente no adoecimento.

Freud dirá que se habituou a chamar de narcisismo a fase inicial do desenvolvimento do Eu na qual “as pulsões sexuais se satisfazem de modo autoerótico” (1915/2017, p. 45). Também dirá que os destinos da pulsão que são objeto de estudo neste texto – retorno em direção ao próprio Eu e a reversão da atividade em passividade – dependem de uma organização narcísica do Eu e estão marcadas por essa fase. Ele aponta, ainda, que esses destinos da pulsão correspondem a tentativas de defesa do Eu, que, numa fase posterior, serão conduzidas por outros meios.

Para chegar nesse ponto, Freud estuda o mecanismo da pulsão de olhar, cuja meta é olhar e mostrar-se (o par voyeurismo-exibicionismo). No caminho desta transformação, haveria uma primeira fase – o “olhar como atividade”, seguida de uma segunda, em que o objeto é abandonado e a pulsão se dirige ao próprio corpo (“reversão para passividade”, estabelecendo-se uma nova meta, a de ser

contemplado) e uma terceira, em que um novo sujeito é introduzido (a pessoa a quem se mostra, com o propósito de ser por ela observado).

Apresentado esse esquema, Freud dirá: há, porém, uma fase preliminar, antes do olhar como atividade. Essa fase preliminar é autoerótica. A pulsão de olhar encontra prazer no próprio corpo, tomando-o como objeto; é, pois, uma formação narcísica.

Um dos destinos da pulsão, a conversão de atividade em passividade (amar – ser amado) remonta, assim, “a uma situação fundamental, como a pulsão de olhar. Tal situação seria: amar a si mesmo, o que para nós caracteriza o narcisismo” (p. 49). A meta passiva de ser amado, diz Freud, se aproxima mais do narcisismo do que a meta ativa de amar.

A questão da pulsão de olhar e o seu papel na formação do Eu serão objeto de posterior desenvolvimento por Jacques Lacan. Em seu escrito sobre o Estádio do Espelho, ele dirá que a forma total do corpo que a criança vislumbra no espelho, numa miragem, situa a instância do eu numa espécie de “linha de ficção”, e que essa forma poderia ser designada como “Eu-ideal” (Ideal Ich). Ainda sobre a “pulsão escópica”, termo que ele próprio introduz, Lacan dirá, no Seminário 11, que ela não é homologa às outras pulsões e que é “a que elude mais completamente o termo da castração” (1964-1965/2008, p. 81).

2.6 *Eu Ideal, Ideal do Eu e Super-eu*

As expressões *Ideal do Eu* e *Eu Ideal* aparecem em Introdução ao Narcisismo. Diferenciam-se, neste texto, de uma “instância psíquica especial” cuja tarefa seria “assegurar a satisfação narcísica a partir do ideal do Eu” (1914/2010, p. 41-42), observando-o continuamente o Eu, e medindo-o como ideal. A expressão Super-eu ainda não é usada por Freud, mas, ao tratar desta “consciência moral”, é dele que parece se tratar aqui.

Em *O Eu e o Id*, de 1923, Freud tratará do Ideal do Eu como sinônimo de Super-eu, e já não recorrerá à expressão *Eu Ideal*. Nas *Novas Conferências Introdutórias sobre a Psicanálise*, de 1933, atribuirá ao Super-eu três funções: a auto-observação, a consciência moral e a função de ideal, afirmando que o Super-eu é “portador” do Ideal do Eu (1933/2010).

Para Jean Laplanche e J.-B. Pontalis (1990), não se encontra, em Freud, uma distinção conceitual entre Eu Ideal e Ideal do Eu. Outros teóricos, porém, diferenciam-nos. Citando Daniel Lagache e Hermann Nunberg, os autores do Vocabulário de Psicanálise dirão:

Certos autores a diferenciam do Ideal do Eu, definindo [o Eu Ideal] como um ideal de onipotência narcísica forjado sobre o modelo do narcisismo infantil. (...) Para J. Lacan, o Eu Ideal é também uma formação essencialmente narcísica, encontrando sua origem no estádio do espelho, e pertencente ao imaginário. (p. 256)

Lacan desenvolve esse tema em profundidade em um escrito de 1960 dedicado a comentar o relatório *A Psicanálise e a Estrutura da Personalidade*, apresentado em 1958 pelo também francês Daniel Lagache. A questão, porém, já estava presente em seu ensino, particularmente no escrito sobre o Estádio do Espelho, de 1949, e no primeiro ano do seu Seminário, no Hospital Sainte-Anne, em Paris.

Neste Seminário, publicado sob o título de Os Escritos Técnicos de Freud, Lacan dedicará duas aulas a uma leitura criteriosa de Introdução ao Narcisismo. Em uma delas, tratará especificamente da questão do Eu Ideal (*Ideal-Ich*) e do Ideal do Eu (*Ich-Ideal*). Ao deparar-se com os dois termos em um mesmo parágrafo, sinaliza que a coexistência dessas expressões é um dos enigmas deste texto de 1914, e afirma que, ao fazê-lo, Freud designa duas funções diferentes:

“Um está no plano do imaginário, e o outro no plano do simbólico, pois a exigência do Ich-ideal tem lugar no conjunto das exigências da lei”, dirá ele (1953-1954/1975, p. 213). Sua explicação baseia-se em um complexo esquema óptico, a partir do qual afirmará que o ser humano só vê sua imagem realizada fora dele, como uma miragem de si próprio (esta miragem corresponde ao Eu Ideal).

A imagem que se vê no espelho em seu modelo é determinada pela “inclinação do espelho”, comandada pela voz do Outro, ou seja, pela palavra, no seio da relação simbólica entre os seres humanos. “É a palavra, a função simbólica, que define o grau de aproximação do imaginário”, diz (1953-1954/1975, p. 222).

O desejo, a posição do sujeito na estruturação imaginária, não é determinado no nível do imaginário (Eu Ideal), mas no simbólico, portanto, do Ideal do Eu. Trata-se, para Lacan, de uma “distinção absolutamente essencial” (p. 224).

No escrito sobre o relatório de Lagache, que citei acima, Lacan afirma que o Ideal do Eu é uma formação que surge no plano simbólico, onde se tenta “constituir o lugar do sujeito numa elisão do significante” (1960/1998, p. 684). O sujeito tenta encontrar seu lugar entre os significantes que constituem o seu Ideal do Eu.

Parece-me importante, a propósito, salientar a diferença fundamental, no ensino de Lacan, entre o sujeito e o Eu. O sujeito encontra-se na cadeia de significantes (ou na rede de neurônios, nos traços mnêmicos ou nas representações, conforme o momento da obra freudiana). Distingue-se, assim, do “eu como objeto da captura da libido narcísica” (Eidelszstein, 2017, p. 29). A estranheza do Inconsciente, diz Lacan, se produz no encontro do sujeito com a imagem narcísica que usurpa o seu lugar: “o Eu vem servir ao lugar deixado vago para o sujeito” (1960/1998, p. 675).

Ao admitir-se a distinção lacaniana entre Eu Ideal e Ideal do Eu, percebe-se uma diferença estrutural entre a imagem (“miragem”) que a pessoa constrói dela própria (a partir da sua imagem no espelho) e os seus ideais, construídos a partir de identificações simbólicas, conjunto de significantes-mestres, advindos do campo do Outro, ao qual se tenta responder e que orientam a vida da pessoa⁵. É nessa defasagem entre Eu Ideal e Ideal do Eu que se encontra o sujeito do inconsciente. Vê-se surgir aí a dimensão da *falta-a-ser*: o sujeito marcado pelo desejo.

É a partir disso que passaremos ao estudo sobre a castração.

⁵ Devo essa formulação a Luiz Fernando Carrijo da Cunha, em aula do seminário Impasses na Transferência, proferida em 23.10.2019, na Escola Brasileira de Psicanálise – Seção São Paulo.

3 Castração

3.1 A falta-a-ser

No que diz respeito à castração, não partirei dos textos iniciais de Freud em que o conceito aparece, como na seção anterior sobre o Narcisismo. Instigado pela orientadora deste trabalho, proponho partirmos de uma construção lacaniana: a *falta-a-ser*, que já apareceu em nossa incursão sobre a noção de Ideal do Eu.

A falta-a-ser, pois, diz respeito a uma condição do sujeito, que não “é”, mas, justamente, “falta a ser” (*manque-à-être*). Esta condição tem estreita relação com o desejo. Para Lacan⁶, o sujeito (também chamado “sujeito do inconsciente”) não tem um lugar na cadeia de significantes. É, nas palavras de Jacques Alain-Miller (2011), um “ser sem substância”. Ele se encontra na “hiância”, no hiato, no intervalo. Lacan representa este sujeito como “\$”, pois “barrado” pela linguagem: a demanda do Outro, se inscreve, por meio da linguagem, sobre a necessidade.

O que daí sobra, ou seja, aquilo que não diz respeito à necessidade, é o desejo para Lacan. Assim, no Seminário 11, ele dirá que o desejo se situa na dependência da demanda, que, articulada na cadeia significante, deixa um “resto metonímico que corre por debaixo dela”. Esse resto, condição “absoluta e impagável, elemento necessariamente em impasse, insatisfeito, impossível, desconhecido”, é o desejo (1964/2008, p. 152).

É, aliás, em alguns dos escritos anteriores ao seminário intitulado O Desejo e sua Intepretação (1958-1959/2016) que encontro as primeiras referências à falta-a-ser no ensino de Lacan. Elas estão, por exemplo, em A Instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud, texto de 1957, em A direção do tratamento e os princípios do seu poder e no já citado Observação sobre o relatório de Daniel Lagache. Nestes textos, Lacan situa a falta-a-ser como cerne da experiência analítica. Em suas próprias palavras:

O desejo é aquilo que se manifesta no intervalo cavado pela demanda aquém dela mesma, na medida em que o sujeito,

⁶ Naquilo que se costuma chamar de seu “primeiro ensino” ou “primeiro Lacan”, pois o sujeito ganha outro estatuto a partir da entrada em jogo do real e do gozo, numa fase posterior. Conforme Bruce Fink (2018, p. 230), nesta segunda fase, “o que há de mais importante no sujeito humano já não são, a seu ver, os movimentos multifários e metonímicos do desejo, mas a própria satisfação: aqui, o sujeito lacaniano é o sujeito sem cabeça (...), que persegue a satisfação”. Para Miller (2011), no lugar dessa categoria ontológica da falta-a-ser vem a do furo.

articulando à cadeia significante, traz à luz a falta-a-ser com o apelo de receber seu complemento do Outro, se o Outro, lugar da fala, é também o lugar dessa falta (1958/1998, p 633)

Nessa mesma época, Lacan dirá que “o desejo é a metonímia da falta-a-ser” e o que “o drama do sujeito no verbo é que ele experimenta ali sua falta-a-ser” (1960/1998, p. 661).

E como isto se articula com a castração? É em uma aula do Seminário 6 de Lacan, sobre o desejo, que encontro uma pista. Diz ele:

Há, no uso do verbo être [ser, estar] em francês, um deslizamento, que a própria forma do jogo da negação na língua permite captar numa fórmula que vou destacar, pois ela exprime o que se passa no momento decisivo, aquele em torno do qual se dá a assunção da castração. A fórmula é esta: sim, pode-se dizer que o sujeito é e não é o falo, mas ele não é sem tê-lo [Il n'est pas sans l'avoir]. É na inflexão do não ser sem, é em torno da assunção subjetiva, infletida entre sê-lo e tê-lo, que se joga a realidade da castração (1958-1959/2016, p. 235).

Neste mesmo seminário, em uma aula intitulada A Dialética do Desejo no Neurótico, Lacan dirá que “no extremo do desejo, há êfanise [desaparecimento] do sujeito” e que “onde Isso fala na cadeia inconsciente, o sujeito não pode se situar no seu lugar, se articular como Eu. Só pode se indicar como desaparecendo de sua posição de sujeito” (1958-1959/2016, p. 454).

O sujeito se apresenta como falo na lei das trocas (ou seja, nas suas relações com semelhantes), diz Lacan. “Só que, no trajeto da funcionalização do sujeito como falo, interpõe-se o desejo”. E é aí, no desejo, que o ser sujeito se expressa “no ponto de sua perda”, como falta-a-ser. “É essa falta que encontra a função fálica”, afirma Lacan (p. 461).

Lacan recorrerá, nessa mesma aula, a Hamlet (“ser ou não ser?”) para tratar da dialética do desejo do neurótico. Trata-se de ser ou não ser o falo, o que o expõe à ameaça de não tê-lo. Eis a escolha que se coloca ao sujeito segundo Lacan: “Ou não sê-lo, não ser o falo, e desaparecer, faltar-a-ser. Ou, se o for, isto é, o falo para o Outro na dialética intersubjetiva, não tê-lo” (p. 461).

O ser do sujeito, diz Lacan, só é “indicado no nível da fantasia pelo que se revela ser fenda, estrutura de corte”. Comentando o caso do Pequeno Hans, Lacan dirá que o objeto fóbico se situa entre o desejo do sujeito e o desejo do Outro:

Ela [a mãe] já não aparece para ele apenas como a pessoa que poderia responder a todas as suas demandas, ela lhe aparece com esse mistério suplementar de ser ela mesma aberta para uma falta, cujo sentido aparece para Hans como estando numa certa relação com o falo – esse falo que ele não tem. É no nível da falta-a-ser [manque-à-être] da mãe que se abre, para Hans, o drama que ele não consegue resolver senão fazendo surgir esse significante da fobia. (1958-1959/2016, p. 456)

A respeito do medo da perda do falo e do sentimento da sua falta, centrais na leitura que Freud faz do sintoma fóbica do pequeno Hans, Lacan dirá: “trata-se expressamente do drama narcísico, da relação do sujeito com sua própria imagem, da relação narcísica com a imagem do outro” (p. 462).

Antes de avançarmos com um estudo um pouco mais detalhado do caso do Pequeno Hans – o que faremos na seção seguinte – pontuo que, em seu seminário de 1964 (*Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise*), Lacan proporá uma interessante articulação da falta-a-ser (função do desejo) ao inconsciente enquanto “hiância” (ruptura, furo, fenda, intervalo), destacando a “função estruturante de uma falta”. Sobre o sujeito do inconsciente, diz: “é que ele não é nem ser nem não-ser, mas é algo de não realizado” e, ainda, que é “lacuna, corte, ruptura que se inscreve em certa falta” (1964/2008, p. 37 e 151).

3.2 As origens do complexo de castração em Freud: a análise do Pequeno Hans

O complexo de castração aparece na obra Freudiana, pela primeira vez, a respeito da análise do Pequeno Hans, ocorrida em 1906 e relatada em *Análise da Fobia de Um Garoto de Cinco Anos*, publicado em 1909:

Aos três anos e meio, sua mãe o viu pegando no pênis. Ela o ameaçou: ‘Se você fizer isso, chamarei o dr. A. e ele cortará seu faz-pipi. Com o que você vai fazer pipi então?’. Hans: ‘Com o bumbum’. Ele responde sem consciência de culpa, mas adquire, nessa ocasião, o complexo de castração, cuja existência somos obrigados a deduzir frequentemente na análise de neuróticos, enquanto eles se recusam veemente a admiti-la. (1909/2015, p. 127).

É neste enredo que Freud situa o surgimento do complexo de castração. Mesmo mais tarde, aliás, a castração, para Freud, permanecerá ligada à ameaça de perda de pênis. Liga-se, também e primordialmente, e já na análise do pequeno

Hans, ao reconhecimento da diferença genital entre os sexos⁷, inicialmente seguido de uma negação.

Com Hans, por exemplo, diz Freud, “o esclarecimento de que as mulheres não têm um faz-pipi não foi aceito inicialmente por ele”, ou, nas palavras atribuídas ao menino, “todo mundo tem um faz-pipi, e ele vai crescer junto comigo, quando eu crescer; ele está pegado em mim” (1909/2015, p. 155 e 157).

É a propósito deste “está pegado em mim”, em contraposição ao “[farei pipi] com o bumbum” de uma fala anterior de Hans, que Freud afirmará que a ameaça de castração tem efeito *a posteriori* (“*après-coup*”). A ameaça da mãe de cortar o faz-pipi do menino não tem efeito num primeiro momento, mas aparece, posteriormente, diante do reconhecimento de que há seres que não têm o “faz-pipi” (pênis, falo), como “medo de perder essa preciosa parte de seu Eu” (p. 158). “A informação de que as mulheres não têm faz-pipi presta-se antes, devido ao seu teor, para aumentar a inquietude com a preservação de seu próprio faz-pipi”, observa Freud (p. 255).

Segundo ele, o primeiro aspecto do que viria a ser vida sexual de Hans é seu forte interesse por seu faz-pipi. Seria, assim, “um golpe muito violento” renunciar à existência do órgão em um ser semelhante a ele. “Seria como ser arrancado de si mesmo”, diz Freud, que localiza nisso a razão pela qual a ameaça da mãe só produz efeitos mais tardiamente (p. 239-240).

A esse respeito, Jean Laplanche (1988) destaca a “noção capital de valorização narcísica do pênis, sua implantação narcísica no corpo” (p. 29). Esta preponderância das zonas genitais – especialmente do pênis – converte-se para os homossexuais, diz Freud, *em destino*:

Eles escolhem a mulher como objeto sexual, na infância, enquanto ainda pressupõem nela a existência dessa parte do corpo que julgam imprescindível. Ao convencer-se de que a mulher os enganou nesse ponto, ela se torna inaceitável como objeto sexual. Eles não podem prescindir do pênis na pessoa que irá estimulá-los ao ato sexual (...) No desenvolvimento do autoerotismo a amor objetal, permaneceram fixadas num ponto mais próximo do autoerotismo. (p. 243)

⁷ Conforme caso do Pequeno Hans (1909/2015, p. 143). Para Jean Laplanche, “a questão que nos parece primordial – aquela que para nós, psicanalistas, está no centro da questão da castração – é, obviamente, a da diferença dos sexos” (1988, p. 24).

No caso de Hans, dirá Freud, ele é “homossexual como todas as crianças podem ser, em inteira harmonia com o fato de que conhece apenas uma espécie de genital, um genital como o seu” (p. 244). A ameaça de castração, como se viu acima, produzirá os seus efeitos posteriormente, a partir do reconhecimento da diferença entre os sexos.

3.2.1 Lacan e o Pequeno Hans

Antes de prosseguir na revisão dos estudos freudianos sobre a castração, chamo a atenção, ainda que rapidamente, para a maneira como Lacan lê o caso do Pequeno Hans em seu seminário dedicado à relação de objeto (1956-1957).

A partir dos três registros que norteiam o seu ensino, Lacan estabelece uma distinção entre castração, frustração e privação. A cada uma dessas categorias correspondem objetos de falta (simbólico, imaginário ou real) e agentes diversos. Não iremos aprofundar o estudo dessa noção, mas é relevante destacar que Lacan apresenta o pai real, a mãe simbólica e o pai imaginário como agentes de três operações diferentes, que se processam em relação a objetos que também se encontram em planos diversos.

Lacan exemplifica a noção de privação com o fato de a mulher não ter pênis, de ser privada dele. Esta operação implica a incidência do simbólico no real: “indicar que alguma coisa não está ali é supor sua presença possível, isto é, introduzir no real, para recobri-lo e perfurá-lo, a simples ordem simbólica” (1956-1957/1995, p. 224). A castração, por sua vez, incide sobre um objeto imaginário.

A leitura de Lacan do caso do Pequeno Hans lança luz sobre a relação de amor pré-edípica da criança com a mãe. Diante do binômio presença-ausência da mãe, a criança aprende o que ela mesma é para mãe. Insere-se, nesse ponto, a inveja do pênis: “é na relação com a mãe que a criança experimenta o falo como o centro do desejo dela”, diz Lacan. A criança está no centro do desejo da mãe, “oferecendo-lhe o falo nela mesma”, satisfazendo-a “não apenas como criança, mas também quanto ao desejo, quanto àquilo que lhe falta [*o que é estruturante*]” (p. 230).

Na relação dual mãe-criança, dirá Lacan neste seminário, a criança intervém como substituto, compensação ao que falta essencialmente à mulher: “a mãe se

situa e é apreendida pouco a pouco pela criança, como marcada esta falta fundamental, e com que ela mesma procura completar” (p. 247). Nessa perspectiva, a criança é metonímia do desejo fálico da mãe.

Dado o contexto, Lacan situa o surgimento da angústia no momento em que o pênis no menino se torna real (“começa a balançar”). Confrontado com a diferença entre satisfazer com a imagem (do falo), aquilo pelo que é amado, e com ter algo real para apresentar, a criança se dá conta de que o que ela tem a oferecer é “algo de miserável”. Na medida em que a intervenção do pai simbólico falha, ela se vê “inteiramente entregue ao olho e ao olhar do Outro” (p. 232).

Lacan dirá que a saída para este impasse é o complexo de castração, ao retomar, no plano do imaginário, aquilo que está em jogo com o falo. Retira-se o pênis real do jogo para que a intervenção do pai introduza “a ordem simbólica com suas defesas, o reino da lei” (p. 233).

A função da castração, assim, é mostrar ao sujeito “que ele não tem o falo, ou que o tem de forma insuficiente”. Já não se trata do objeto imaginário, mas de assumir o falo da mãe como objeto simbólico. Este jogo com o pai (que lhe priva do objeto porque o tem) permite à criança “conquistar o caminho por onde nela será depositada a primeira inscrição da lei” (p. 213-4). A ordem simbólica, diz Lacan, intervém precisamente no plano imaginário.

A leitura do Caso Hans por Lacan destaca, como se vê, a passagem do imaginário ao simbólico: a criança passa da “dialética imaginária do jogo intersubjetivo com a mãe em torno do falo para o jogo da castração na relação com o pai” (p. 279). É possível traçar um paralelo entre essa perspectiva em torno da castração e a diferença entre Eu Ideal (imaginário) e o Ideal do Eu, instância que instaura a lei primordial, a ordem simbólica⁸.

3.3 O Homem dos Lobos

Há outro caso clínico relevante para a construção freudiana acerca do complexo de construção que também diz respeito à gênese da neurose em uma criança:

⁸ “A lei do homem é a lei da linguagem”, conforme Lacan em *Função e Campo da fala e da linguagem* (1953/1998, p. 273).

trata-se do clássico *História de Uma Neurose Infantil – O Homem dos Lobos*, escrito em 1914 e publicado em 1918.

Neste relato – que, junto com a análise do Pequeno Hans, com o caso Dora, com o estudo do livro do Presidente Schreber e com o caso do Homem dos Ratos, forma o que se costuma denominar de “as cinco grandes psicanálises” na teoria freudiana – Freud busca esclarecer a gênese da neurose infantil de um paciente já adulto, que o procura aos 18 anos.

Os lobos com que Freud batiza o caso trazem em si, como ele próprio indica, “inequívoca referência à castração” (1918/2010, p. 44): em um conto que ouvira do avô, um alfaiate agarra um lobo pela cauda e a arranca.

Esta história é referida pelo paciente a partir do relato de um sonho de angústia, em que a janela do seu quarto abre-se sozinha, e lobos sentados em galhos de uma árvore olham para ele fixamente. O paciente desenvolve fobia da imagem do lobo, particularmente na figura ilustrada de um livro que a irmã mais velha insiste em lhe apresentar. A zoofobia do Homem dos Lobos – lobos e borboletas – e de Hans – cavalos – relacionam-se, ambas, ao complexo de castração.

Aliás, também aqui, como no caso do Pequeno Hans, a instauração do complexo de castração é atribuída a uma ameaça concreta proferida por um adulto diante da prática masturbatória da criança: a Nãnia (babá) explica ao menino que “aquilo não era bom. As crianças que faziam aquilo ficavam com uma “ferida” no lugar” (p. 35).

Neste caso, porém, Freud irá além e dirá que o complexo de castração constitui, também, “herança filogenética” que se soma às vivências individuais. Conforme aponta Laplanche (1988), mais tarde, nos estudos de 1923-1925, ficará evidenciado o caráter universal do complexo de castração: “algo por que todo ser humano deve passar” (p. 50) e que caracteriza a fase fálica.

Outra ideia interessante que Freud lança neste ensaio e que desenvolverá mais adiante é a de que há um paralelismo entre as fezes, o pênis e a própria criança. “O excremento, a criança e o pênis, diz ele, formam uma unidade, um conceito inconsciente: a do pequeno separável do corpo”, diz (Freud, 1918/2010, p. 113).

A castração ameaça a unidade narcísica do corpo. Remeto-me aqui ao capítulo anterior deste trabalho, especialmente às passagens sobre o Estádio do Espelho e sobre a distinção lacaniana entre o Eu Ideal e o Ideal do Eu. A unidade narcísica do corpo a que Freud se refere se constitui como uma projeção, função do imaginário. Lacan, porém, chama a atenção para o outro lado da moeda: “inversamente, vem instalar-se no coração do ser, para apontar um furo, um indicador: introjeção, relação com o simbólico” (1960/1998, p. 662).

Ainda sobre o Homem dos Lobos: o binômio presença-ausência é um dos temas que Freud explora e que ele relaciona a uma cena primária relatada pelo paciente, em que este, com pouco mais de um ano, assiste ao coito dos pais. Essa cena, antecipação da figura da mulher castrada, rende farto material para análise e abre as portas para Freud explorar, genialmente, questões como a oscilação entre atividade e passividade e a bissexualidade constitutiva.

Freud conjectura que a fobia de lobos substituiu, por força da repressão, o desejo inconsciente do menino de ser possuído pelo pai, assim como a mãe fora nesta cena. A força motriz da repressão, diz ele, “só poderia ser a libido genital narcísica, que, por sua preocupação com seu membro viril, rebelou-se contra uma satisfação que parecia impor a renúncia a este membro” (1918/2010, p. 64).

O complexo de castração é, de fato, central no caso do Homem dos Lobos e há vários pontos interessantes que se poderia comentar a partir do belo relato de Freud. Para este estudo, destaco a passagem em que Freud, ao analisar a neurose do adulto que o procura, afirma que a angústia de castração causou um dano ao seu narcisismo, obrigando-o a “renunciar à expectativa de ser privilegiado pelo destino”. O paciente adoeceu, diz ele, de uma “frustração narcísica” (p. 156).

Antes de passar à próxima seção, acrescento um breve comentário de Jacques Lacan sobre o caso do Homem dos Lobos. Em seu estudo magistral *Função e Campo da Fala e da Linguagem*, de 1953, Lacan critica duramente o que ele chama de “mitologia da maturação dos instintos” e a psicanálise que se norteia pela genitalidade.

Para tanto, recorre ao Homem dos Lobos e afirma que, nele, Freud atribui papel secundário e hipotético à teoria das pulsões. O cerne da neurose do sujeito não

se encontra no conflito pulsional, mas num “narcisismo genital”. O conflito do paciente, a forma compulsiva em que fica fixada a escolha heterossexual encontra-se, diz, “no isolamento simbólico do “eu não sou castrado” em que se afirma o sujeito (...) contra o efeito de captura homossexualizante sofrido pelo eu, reconduzido à matriz imaginária da cena primária” (1953/1998, p. 265).

3.4 O complexo de castração nos estudos de 1923-1925

Entre 1923 e 1925, Freud publica uma série de textos metapsicológicos. Havendo proposto, em 1920, uma nova teoria das pulsões, aqui ele se encontra em plena construção da sua segunda tópica ou segunda teoria sobre o aparelho psíquico, como preferem Laplanche e Pontalis (1990).

Nesta etapa da teoria freudiana, a castração é relida sob o ponto de vista do desenvolvimento sexual infantil, especialmente da fase fálica. Conforme aponta em *A Organização Genital Infantil* (1923/2011), para a criança, apenas um genital está em jogo, o masculino: “não há, portanto, uma primazia genital, mas uma primazia do falo” (p. 171). Esta primazia do falo, diz Freud, é crucial para determinar a significação do complexo de castração.

No curso das investigações sexuais do menino, a ausência do pênis no corpo da mulher é compreendida como resultado de uma castração. A criança não reconhece a existência de um genital feminino: como sucedâneo da oposição ativo-passivo prevalente na fase sádico-anal, estabelecerá uma nova oposição, diz Freud, agora entre genital masculino ou castrado.

Acompanhando as investigações sexuais do menino, Freud dirá que, em um primeiro momento, ele recusará a ausência, para, depois, concluir que estava presente e foi retirado.

No ano seguinte, em estudo denominado *A Dissolução do Complexo de Édipo* (1924/2011), dará um passo a mais e afirmará que a organização genital fálica da criança e o Complexo de Édipo sucumbem em decorrência do complexo de castração.

As duas possibilidades oferecidas à criança na trama edípica – colocar-se no lugar do pai e relacionar-se com a mãe ou substituir a mãe e/ou se fazer amar

pelo pai – acarretariam a perda do pênis (“uma, a masculina, como castigo, a outra, feminina, como pressuposto”), diz Freud (1924/2011, p. 208).

É também neste estudo que Freud avançará na ideia que ele havia lançado em *Introdução ao Narcisismo*, e que constitui a questão que norteia este trabalho: de que modo castração e narcisismo se relacionam. A esse respeito, dirá:

Se a satisfação amorosa no terreno do complexo de Édipo deve custar o pênis, tem de haver um conflito entre o interesse narcísico nessa parte do corpo e o investimento libidinal dos objetos parentais. Nesse conflito vence normalmente a primeira dessas forças; o Eu da criança se afasta do complexo de Édipo (1924/2011, p. 213).

Nesse estudo, Freud também conjectura a respeito da forma como esse processo (dissolução do Édipo pelo complexo de castração e formação do Super-eu) acontece nas meninas. Até aqui, é importante notar, Freud estabelecera a sua teoria com base na observação de crianças do sexo masculino apenas.

A diferença essencial – diz ele – é que a menina aceita a castração como “fato consumado”, e não como ameaça, como ocorre no menino. “Excluído o medo da castração, também deixa de haver um forte motivo para a construção do Super-eu e a demolição da organização genital infantil” (p. 213). Embora mencione a educação e intimidação externa como fatores externos que contribuem para a formação do Super-eu feminino, Freud reconhecerá não ter clareza sobre como esses processos atuam no desenvolvimento da menina.

Em *Algumas Consequências Psíquicas da Diferença Anatômica sobre os Sexos* (1925/2011), do ano seguinte, Freud prosseguirá seu estudo sobre o complexo de Édipo da menina e como esta chega a “abandoná-lo, tomando o pai como objeto” (p. 288). Encarando a castração como fato consumado (e não ameaça, como no caso do menino), a menina, diz Freud, percebe a diferença, reconhece a superioridade do genital do menino e passa a ter inveja do pênis. “Num instante ela faz seu julgamento e toma sua decisão. Ela viu, sabe que não tem e quer ter”, diz ele (p. 290-291).

A inveja do pênis, diz Freud, se não assimilada no que ele chama neste estudo de complexo de masculinidade da mulher, pode ter consequências psíquicas graves, desde a recusa a admitir o fato (“agindo como se fosse um homem”) até

um certo “sentimento de inferioridade”, que seria produzido na mulher “com o reconhecimento da ferida narcísica, como uma cicatriz” (p. 292). Nesta mesma linha, dirá Freud, a “humilhação narcísica ligada à inveja do pênis” seria responsável pelo frequente abandono, pelas mulheres, de práticas masturbatórias fálicas.

Uma breve digressão a respeito dessa ideia: conforme sinaliza o psicanalista argentino Alfredo Eidelsztejn (2018), na contemporaneidade, a “inveja do pênis” proposta por Freud (juntamente com outras ideias psicanalíticas clássicas acerca da sexualidade) é denunciada por movimentos feministas, de estudos de gênero e de defesas de direito de transexuais e transgênero como “conservadora e reacionária”. Para ele, o complexo de Édipo, o complexo de castração, a segunda tópica e as teorias sexuais infantis foram descritas por Freud “desde uma certa posição ideológica, algumas propriedades de sua sociedade e época”. Eidelsztejn enxerga nas formulas algébricas e nas estruturas formais propostas por Lacan um meio de formalização dos conceitos psicanalíticos que não se deixaria contaminar por fatores de época, classe social ou postura ideológica.

Não avançaremos nessa discussão. Para os fins deste estudo, que visa a sinalizar as interseções entre narcisismo e castração, parece importante, porém, destacar duas ideias apresentadas neste texto freudiano de 1925. A primeira é a inveja do pênis como ferida narcísica decorrente do complexo de castração na menina. A segunda é a existência de uma diferença central no desenvolvimento psíquico do menino e da menina.

Para Freud, como vimos acima, o complexo de Édipo do menino se dissolve, sucumbe, diante da ameaça de castração. Na menina, por outro lado, faltaria o motivo para a destruição do complexo de Édipo. Por isso, o Super-eu, herdeiro do Édipo, “jamais se torna não inexorável, tão impessoal, tão independente de suas origens afetivas como se requer que seja no homem” (Freud, 1925/2011, p. 298).

Esta relação entre o complexo de castração e a ferida narcísica que este causa e a formação do Super-eu está no centro da questão proposta por este trabalho. Continuaremos a discutir o tema na próxima seção.

3.5 O Eu e o Super-eu (Ideal do Eu)

O título desta seção remete ao terceiro capítulo do já citado *O Eu e o Id*, de 1923, texto em que Freud apresenta a sua segunda teoria do aparelho psíquico.

No capítulo anterior, a respeito do narcisismo, tratamos da absorção do Ideal do Eu pelo Super-eu na obra de Freud, e do desenvolvimento que Lacan dará ao tema, notadamente em relação aos termos *Eu Ideal* e *Ideal do Eu*, pertinentes à ordem imaginária e simbólica, respectivamente. Veremos agora como, ao construir a sua segunda tópica, Freud retoma as ideias que apresentou pela primeira vez em *Introdução ao Narcisismo* a respeito da castração, do narcisismo e da formação do Ideal.

Neste texto, Freud propõe que o Ideal do Eu – expressão que ele parece empregar como sinônimo do Super-eu – surge a partir da dissolução do complexo de Édipo, ou seja, como identificação substitutiva ao investimento dos objetos sexuais abandonados pela criança por força da repressão.

Freud retoma aqui a ideia segundo a qual investimentos objetais são substituídos por identificações, numa transformação da libido objetal em narcísica. A dissolução do Édipo – que, como vimos acima, está intimamente ligada à castração – faz surgir o Super-eu por força de uma identificação substitutiva com os objetos abandonados (pai e mãe). A proibição (do incesto, é possível dizer) é reproduzida nesta identificação. O Super-eu conserva, assim, o caráter do pai⁹.

O Ideal do Eu é, pois, herdeiro do complexo de Édipo, “expressão dos mais poderosos impulsos e dos mais importantes destinos libidinais do Id” (1923/2011, p. 45). A sua formação, diz Freud, não é algo fortuito, “tem grandes laços com a aquisição filogenética” (p. 44), representa a evolução do indivíduo e da espécie.

Em outro texto da mesma época (o já citado *A Dissolução do Complexo de Édipo*, de 1924), Freud retomará a ideia desenvolvida em *O Eu e o Id* e explicará, com especial clareza, o mecanismo que entende ser responsável pela dissolução do Édipo e pelo surgimento do Super-eu. Cito:

⁹ “A relação entre o menino e o pai é dominada, como se sabe, pelo medo da castração”, diz Lacan no Seminário 5 (1957-1958/1998, p. 175). Ele é quem interdita a mãe.

Os investimentos objetais são abandonados e substituídos pela identificação. A autoridade do pai ou dos pais, introjetada no Eu, forma ali o âmago do Super-eu, que toma ao pai a severidade, perpetua a sua proibição do incesto e assim garante o Eu contra o retorno do investimento libidinal de objeto. (...) Todo o processo, por um lado, salvou o genital, afastou dele o perigo da perda, e, por outro lado, paralisou-o, suspendeu sua função. Com ele tem início o período de latência, que interrompe o desenvolvimento sexual da criança. (1924/2011, p. 209).

Este trecho parece-me especialmente elucidativo em relação à questão que Freud coloca em *Introdução ao Narcisismo* e que originou esta pesquisa, na medida em que relaciona o genital, objeto de grande investimento narcísico, a castração (que, afinal, para Freud, marca a dissolução do complexo de Édipo no menino) e o surgimento do Ideal do Eu (quer seja tratado como instância independente, quer como função do Super-eu).

Eu seu seminário proferido em 1957-1958 (Seminário 5; *As Formações do Inconsciente*), Lacan desenvolve toda uma teoria sobre o complexo de Édipo e a função do pai na sua dissolução. Introduce, para tanto, as noções de *metáfora paterna*¹⁰ e *nome-do-pai*, e põe o desejo da mãe (o desejo de “Outra Coisa”) no centro da trama edípica. Também chama atenção para a função do Édipo na assunção do sexo pelo indivíduo, pela via da virilidade ou da feminilização.

O pai intervém no complexo de Édipo como aquele que tem o falo, e essa identificação com o pai, diz Lacan, chama-se Ideal do Eu: “é por intervir como aquele que tem o falo que o pai é internalizado no sujeito como Ideal do Eu, e que, a partir daí, não nos esqueçamos, o complexo de Édipo declina” (1957-1958/1999, p. 201).

A saída do Édipo faz com que a criança reconheça a falta: “não ter aquilo que tem, no caso do menino, e aquilo que não tem, no caso da menina” (p. 179). Para Lacan, o significante paterno, ou a função do nome-do-pai, funda a posição do falo no plano imaginário, como objeto privilegiado e preponderante. Como objeto metonímico, circula na cadeia significante, diz Lacan, “como o anel no jogo de passar o anel, por toda parte de significado” (p. 207).

¹⁰ “O pai é, no Outro, o significante que representa a existência do lugar da cadeia significante como lei. (...) O pai acha-se numa posição metafórica, na medida em que a mãe faz dele aquele que sanciona, por sua presença, a existência como tal do lugar da lei” (Lacan, 1957-1958/1999 p. 202).

4 Conclusão

Busquei neste trabalho entender de que maneira narcisismo e castração, duas noções centrais à teoria psicanalítica, se cruzam na teoria Freudiana.

Se, no texto *princeps* sobre o narcisismo, de 1914, a castração é tratada como uma ameaça ao narcisismo infantil, e um certo *Ideal* é entendido como instância à qual se volta a libido narcísica, é apenas em seus estudos da década de 1920, quando introduz a segunda tópica, que Freud estabelecerá uma relação mais clara sobre o papel da castração na dissolução do complexo de Édipo, do qual o Ideal do Eu (ou Super-eu) é herdeiro. “Se a castração é sobretudo um insulto ao narcisismo, cabe supor que o superego tem como função última preservar o ego desta mutilação”, diz Renato Mezan (2013, p. 302).

Por outro lado, embora o próprio Freud reconheça o complexo de castração e a formação do Ideal do Eu como universais, ligados a uma certa herança filogenética, sua construção teórica acerca do tema – mesmo em textos mais tardios, como *Inibição, Sintoma e Angústia* (1926) – gira em torno de uma vivência concreta, do medo da criança de perder o seu genital diante da ameaça que lhe é proferida, o que gera angústia.

A “tópica do inconsciente”¹¹ de Lacan (real/simbólico/imaginário) permite uma leitura diferente, em que aparece a noção de *falta-a-ser*, ou o que se pode chamar de *função estruturante da falta*. Como aponta J.D. Nasio (1989), é no complexo de castração “que se opera o reconhecimento de uma incompletude que desperta o desejo de recuperar a perfeição narcísica” (p. 51).

A castração opera, pois, sobre um objeto imaginário, fazendo inscrever uma lei simbólica, que determina a condição do sujeito como desejante, como alguém a quem há algo que falta, do ponto de vista mesmo da estrutura, ou da ontologia.

É também a tópica lacaniana que nos permite diferenciar Eu Ideal e Ideal do Eu, como instâncias imaginária e simbólica ligadas ao narcisismo, ou, mais precisamente, ao estágio do espelho. Esta distinção é importante pois é na defasagem entre a imagem, ideal de potência imaginária antecipada na qual a

¹¹ Adoto a expressão usada por Alfredo Eidelsztein (2017, p. 16) para descrever os três registros que norteiam o pensamento de J. Lacan.

criança se aliena pelo olhar do outro (Eu Ideal), e a instância simbólica formada a partir das identificações (ou, com Lacan, dos significantes-mestres que orientam a vida do sujeito, e que provêm do Outro) que se instaura a falta.

Em disciplina denominada *Formações do Inconsciente* proferida nesta especialização em teoria psicanalítica da PUC-SP, Inês Loureiro chamou a atenção para a retórica freudiana e para um ponto especialmente interessante da sua obra: Freud deixa, ao longo dos vários textos que publicou em quase cinquenta anos de trabalho intenso e de grandes viradas teóricas, pistas, enigmas, questões em aberto para desenvolvimento posterior.

É algo assim, a saber, a referência à castração no terceiro capítulo de Introdução ao Narcisismo, que elegi como questão que norteia o meu trabalho de conclusão de curso. Chegando à etapa final da pesquisa, percebo que, mais do que um quebra-cabeça em que peças se encaixam, os conceitos psicanalíticos constituem, na feliz expressão de Renato Mezan, uma “trama”.

Em busca das interseções entre narcisismo e castração, passamos, dentre vários outros conceitos importantes, pelo complexo de Édipo, pelo Super-eu e pelo Ideal do Eu. Também foi possível constatar o quanto o desenvolvimento lacaniano – e aí menciono a dimensão da *falta-a-ser* para qual a prof. Julieta Jerusalinsky me chamou a atenção no início da pesquisa – abre as portas para uma leitura significativamente mais ampla, sobrepondo à trama freudiana os registros do simbólico, imaginário e real sobre os quais se estrutura o inconsciente.

A viagem por esta trama, percebo, não tem fim. Este trabalho identifica alguns caminhos a seguir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

EIDELSZTEIN, Alfredo. El conflicto del psicoanálisis ante las problemáticas actuales. *El Rey está desnudo: Revista para el psicoanálisis por venir*. ano 11, n.13: 7-16, 2018.

EIDELSZTEIN, Alfredo. *O Grafo do Desejo*. São Paulo: Toro Editora, 2017.

FINK, Bruce. *Introdução Clínica à Psicanálise Lacaniana*. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

FREUD, Sigmund. (1905) *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade*. In: *Obras Completas*. vol. 6. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

FREUD, Sigmund. (1909) *Análise da Fobia de um Garoto de Cinco Anos ("O Pequeno Hans")*. In: *Obras Completas*. vol. 8. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

FREUD, Sigmund. (1910) *Uma Recordação de Infância de Leonardo da Vinci*. In: *Obras Completas*. vol. 9. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

FREUD, Sigmund. (1911) *Observações Psicanalíticas sobre um Caso de Paranoia*. In: *Obras Completas*. vol. 10. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. (1912) *Totem e Tabu*. In: *Obras Completas*. vol. 11. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

FREUD, Sigmund. (1914) *Introdução ao Narcisismo*. In: *Obras Completas*. vol. 12. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. (1915) *As Pulsões e seus Destinos*. In: *Obras Incompletas de Sigmund Freud*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

FREUD, Sigmund. (1917) *Conferências Introdutórias à Psicanálise*. In: *Obras Completas*. vol. 13. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FREUD, Sigmund. (1918) *História de uma Neurose Infantil (O Homem dos Lobos)*. In: *Obras Completas*. vol. 14. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. (1921) *Psicologia das Massas e Análise do Eu*. In: *Obras Completas*. vol. 15. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. (1923) *A Organização Genital Infantil*. In: *Obras Completas*. vol. 16. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. (1923) *O Eu e o Id*. In: *Obras Completas*. vol. 16. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. (1924) *A Dissolução do Complexo de Édipo*. In: *Obras Completas*. vol. 16. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. (1925) *Algumas Consequências Psíquicas da Diferença Anatômica entre os Sexos*. In: *Obras Completas*. vol. 16. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. (1926) *Inibição, Sintoma e Angústia*. In: *Obras Completas*. vol. 17. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FREUD, Sigmund. (1933) *Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise*. In: *Obras Completas*. vol. 18. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. (1938-1940) *Compêndio de Psicanálise*. In: *Obras Completas*. vol. 19. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

LACAN, Jacques (1964-1965). *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LACAN, Jacques. (1949) *O Estádio do Espelho como formador da função do Eu*. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. (1953) *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. (1953-1954) *Le Seminaire, livre 1: les écrits techniques de Freud*. Paris: Éditions du Seuil, 1975.

LACAN, Jacques. (1956-1957) *O Seminário, livro 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

LACAN, Jacques. (1957) A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. (1957-1958) O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

LACAN, Jacques. (1958) A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In: Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. (1958-1959) O Seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

LACAN, Jacques. (1960) Observações sobre o relatório de Daniel Lagache: "Psicanálise e estrutura da personalidade". In: Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LAPLANCHE, Jean. Problemáticas II: Castração - Simbolizações. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, J.-B. Vocabulaire de la Psychanalyse. 10a ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1990.

MEZAN, Renato. Freud: A Trama dos Conceitos. 5a ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

MILLER, Jacques-Allain. O ser, é o desejo. Disponível em: <https://congresoamp2020.com/pt/articulos.php?sec=el-tema&sub=textos-de-orientacion&file=el-tema/textos-de-orientacion/el-ser-es-el-deseo.html>. Acesso em 1 out. 2019.

NASIO, Juan David. Lições sobre os 7 conceitos cruciais da psicanálise. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

ROUDINESCO, Elizabeth; PLON, Michel. Dicionário de Psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.